

O Voluntario

Director: J. RABELLO COELHO

Anno . 1

(São Paulo) Sant'Anna 21 de Março de 1906

Num. 5

CHRONICA



Chegou o mez de Fevereiro brincalhão e inconstante como sempre.

Com elle chegaram as folias, as gargalhadas chrySTALLINAS, os foi-guedos desenfreados e o deus Momo, alegre, dominou todos os corações.

Os festejos carnavalescos como os mais singulares de todos, trouxe um entusiasmo vibrante, e a turba, animada por uma alegria extranha, numa confusão geral, deixou o lar, o problema da vida e sahio a partilhar dos risos e festas que animavam todos os espiritos.

E a multidão delirante, tinha uma só condição, um só pensamento, um só desejo.

Todos riam zombeteiros tributando um mesmo culto a um deus sem dogma que, espalha a alegria e a concordia reunindo num só pensamento todos os anhelos.

E todos os espiritos num só volver, abriram as suas almas ao jubilo e deixaram-se embalar por essas chimeras suaves da existencia como um bando de pombas mansas.

A phantasia então, admirada como nunca, roubava risos adiamantinos desde os labios dos anciãos aos labios das creanças.

A pilheria, essa ideia extravagante, que diz inconsciente phrases triviaes e verdades impollutas feria todos os corações.

E a turba delirante, repleta de entusiasmo, num agitar constante deixou-se embalar por essas illusões fagueiras da vida, essas alegrias vaporosas que, como as fugitivas borboletas, pousam sobre a nossa alma, acariciam-na em sonho, e vôam para regiões insondaveis, deixando simplesmente gravada na memoria uma vaga recordação.

J. R. COELHO.



Estações da Vida

(Continuação)

Dois annos são passados.

O outono espirára após uns dias insipidos, em que o noroeste açoutava incessantemente as comas emurchecidas do arvoredo, imprimindo-lhe uma apparencia desoladora.

Era por uma dessas tardes de Junho, frias e sem attractivos.

Numa magnifica morada situada no centro de artistico jardim, via se junto a uma das janellas, meio occulta nas finissimas rendas da alva cortina, uma moça cuja physionomia triste, abatida diagnosticava cruel enfermidade, ou grande soffrimento moral.

A extrema magreza e pallidez não dissipavam, entretanto, os traços puros de sua rara belleza.

Seus aureos e longos cilijs occultando, por vezes, o azul dos olhos lindos, davam tenue sombra nas faces transparentes, firmando no seu mimoso semblante, as ultimas linhas de um perfeito modelo angelical.

Lembrava um desses cherubins des-cido das paragens ignotas como se vê nos quadros santos, coroando os martyres da fé no momento supremo, em que as suas almas crentes deixavam os corpos mutilados, e as miserias da terra em troca das benções do Céu!

Ao seu lado, uma senhora de cabellos grisalhos, aspecto nóbre e sympathico, conchegava ao seu collo ampla pelle alvacentas, que a resguardava da aragem fria e indiscreta, que, passava saudando-a alegremente.

Era bastante, admirar-se a solitudine e meiguice que essa dedicada creatura prodigalisava a joven, para dar-lhe o sublime nome de: — Mãe!..

Essa gentil doente, não será a graci-osa Angela de outr'ora?

Que é feito de Ernesto?!

Ja dois annos se passaram a contar da manhã radiante de verão, que elle partira levando para a sua familia os louros colhidos após longos estudos e fadigas, alistado numa carreira que lhe augurava um futuro brilhante.

Promettera breve voltar. Cumprira a sua palavra?

Ah! o voluvel!... o infiel!... olvidara a interessante Angela, quebrantára suas juras, e attrahido pela belleza de outra joven com quem ia casar-se, não mais pensava naquella que tinha despertado immenso amor, e agora com a negra e perfida ingratição, na mais profunda dôr, arremessára!

Algum tempo depois que se ausentára ainda muitas cartas escreveu á Angela. Quantas estrophes douradas pelo sol do amor!...

Supplicas para não esquecel-o! endeixas inspiradas pela cruel saudade!... depois as missivas tornaram-se laconicas e raras!... mais tarde..... eterno intervallo.... nem mais uma phrase que justificasse o seu silencio!...

Quanto soffreu a pobre menina, até o dia em que um golpe vibrado com mais força o da fatal nova do casamento do homem que amava, tombou - a exausta, levando-a quasi a sepultura.

Grave molestia prostara-a no leito.

Ora, roubada á morte, restabelecia-se aos poucos, e o prazer irradiava no semblante daquelles que a estremeciam, e, ansiosos esperavam vel-a outra vez, juvenil e graciosa, voltando a ser a auro-ra resplandescente do lar.

Sua mãe acariciando-lhe os louros cabellos, perguntou affectuosa:

Já não soffres tanto Angela?

Já não queres morrer?!..

Morrer?!.. Oh! não! disse ella com a voz meiga e fraca, do meu coração extinguiu-se a brilhante chamma que animava as suas essenciaes e melindrosas fibras!... feneceu a flor gentil e peregrina que poetisava o jardim de minha existencia, o amor!... mas ha outras gratas e suaves, as da amizade!... Outros affectos me prendem á vida e o teu amor, mãe querida, é o balsamo divino que me dá alento e resignação, para vencer os revezes que encontre no itinerario designado pelo implacavel destino!...

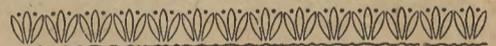
Contemplou com melancholia o arvoredo sombrio, ermo da verdura que o encantava dando-lhe viço e frescor!... as suas folhas resequidas caíam forrando o solo como um velho tapete amarrellecido.

Tambem as suas illusões assim tombaram emurchecidas... e a sua alma despiu para sempre, o sendal esmeraldino, de ideaes e fagueiras esperanças!...

A tarde ia-se desvanecendo, com indifferente lentição, nas sombras da noute, sem que trouxesse uma terna melodia eolia, ou uma scentelha de mystico consolo aos corações amargurados.

(Continua)

AUREA CELESTE



HYPOCRISIA

Era uma noite triste, estúpida, mortal, Envolta em negro manto hed'ondo, fatal.

O espaço tinha o crime e tinha a hypocrisia Da miseria elegante e da falsa alegria.

E toda a podridão anemica dos vicios Fermentava risonha á porta dos hospicios.

O mundo ia dormir um somno de assassino, Um somno de terror, vermelho, cristallino...

Na banda do oriente um tremulo clarão Por instantes luziu. E uma branca visão, Mais alva do que a neve e o lyrio assetinado, Mais doce que o luar ardente, avermelhado, Mais rutila que o sol e a estrella matutina, Surgir eu vi então. E com voz cristallina, Voz feita de humildade e voz feita de dor, Mostrando o coração sempre razo de amor,

Assim principiou:

— « Ha quasi dous mil annos, Que os ministros de Deus, hypocritas, tyrannos, Não cessam de o vender, na sacristia e altar, Fazendo de seu templo um vasto lupanar, Profanando o pudor e a virginea innocencia, Nos antros infernaes, sepulchros da existencia

O' malditos chacaes, ó furibundos Neros, Que na treva viveis, ó inimigos da luz, O' monstros de prazer, que não valeis dous zeros, Ha tanto qua eu morri, no topo de uma cruz, E ainda não deixaes em paz o bom Jesus!...

São feras não irmãos: Pregam a inimizade, Entre filhos e paes. E' isto caridade, São as leis que deixei do bello e do moral! De bem não dão exemplo e seguem sempre o mal,

Saudades da Patria

(Ao amigo Julio M. Junior).

Quando outr' ora eu em plagas estranhas
Me lembrava da patria, do lar,
De meus olhos corriam as lagrimas,
De meus olhos o pranto, o chorar.

Já não via dos brancos rebanhos
As pastagens de verdes cobertas;
Já não via frondosos pomares,
Jardins bellos com flôres abertas.

Bellas noites de Abril, patria amada,
Nessas plagas longinquas não ha,
Não ha ceu como o teu estrellado,
Não ha brisas serenas, não ha!

A saudade minha alma rasgava,
E, penando, me via morrer;
Tu surgias qual fada adorada,
E me davas a luz, o viver!

Mas agora que piso teu solo,
E saudoso dedilho esta lyra,
Oh! recebe meus cantos incultos,
Vibrações que minha alma suspira...
Funchal 1906

ANTONIO DA SILVA FIGUEIRA

Episodios...

Houve eleição ou, por outra, não houve eleição!

Juro-o á minha fé.
O Padre Eterno molhou os caminhos,
o subdelegado cortou as communicações.

Não só cortou as communicações,
tornando os eleitores incommunicaveis:
— fez mais que o Altissimo que quiz
botar agua na fervura, agua, mais agua,
sempre agual!
Elle botou fogo, fogo, mais fogo, na
cangica!

Não se lembram?
Fez até, sem pleno conhecimento
(valha a verdade!) das leis que regem
a direcção dos balões, mais, muito mais
que o Alaôr ou Dumont, nossos recen-
tes patricios, recentes, digo, por me lem-
brar do santista Gusmão.

Lembrou-se dos irmãos Montgolfieres.
Pudéra! Elle alli estava perto dos
jesuitas e o pobre Gusmão teve de se
ajesuitar!....

A Gloria precisava ficar em casa!...
Fez uma experiencia, por emquanto só
uma experiencia!....

Fez voar um eleitor por cima da me-
sa, do escrivão do povo!....
Successo! Vivas! Acclamações!....

Julio Mesquita seguiu immediatamen-
te para a Europa!
Glycerio foi conferenciario no Catettel!
Vão ser creados mais Arce-Bispados
no Brazil!

A Cadêa Publica vae ser removida
para o Chôra-Menino!

Nada mais valem os miseros e im-
portunos gafanhotos que mais parecem
pretendentes a sinecuras governamen-
taes destinadas apenas a desejar os
nossos fertes campos!

São avaros, crueis, gulosos, ignorantes,
Soberbos, sensuaes e estupidos farçantes.
Eu que amei a humildade e que amei a pobreza...
Quando elles, imbecis, tem throno, tem realza,
Accumulam milhões no paço Vaticano,
Aonde impera o Papa, o imperador romano,
De Pedro successor. Tem corte purpurina,
Que scintilla, reluz: E' toda a malta fina
Dos obscenos cardeaes, figuras de elephantes,
Que tem carros e luxo e quatro ou cinco amantes.
E assim é ter pureza, é guardar castidade,
Levantando prisões em face á sociedade,
Roubando para sempre innocentes donzellas,
—Lyrios que não mais vêm a luz pelas janellas,
Matando a virgindade e os fructos pequeninos,
Nos claustros infernaes, dantescos, diamantinos?
E ao povo vão dizer o que Jesus não disse,
E o povo tudo crê e o Vaticano ri-se...
Obrigam-n'o a adorar uma cruz de madeira,
E elle (que besta vill!) ajoelha-se e a asneira
Beija dez vezes mais e sahe mui satisfeito,
Sentindo um grande allivio em seu robusto peito.

O mal impera e é grande e alastra-se por tudo,
Derribando a Verdade e da Justiça o escudo.
O mundo não tem luz e pouco tem de sciencia,
E' uma creança, ainda está na adolescencia!
Philosophos, correi, ensinae-lhe a doutrina
Da Justiça e do Bem, em lingua crystallina,
Ensinai-lhe a Igualdade e o amor fraterno e santo;
Cingi-lhe á frente altiva o transparente manto
Da Verdade ideal. Convém moralisal-o,
Não com ocós sermões, que são bombas de estalo,

Ou predicas contar.

As leis da san moral
Deve elle assimilar, que o façam immortai.
Então, Sabios, vereis, o lutar tremebundo
Da treva contra a luz, a luz que aclara o mundo...

Sois poucos? não importa; o livro espalhareis
Da misera cabana aos palacios dos reis:
— E' a semente fecunda, a semente da Ideia,
Que nascerá do mar, ou nascerá da areia.
Convém medir o céu e as estrellas radiantes,
Os mundos repartir e os systemas distantes.
Tendes a astronomia e o grande telescopio,
Com que vereis a Deus. E um simples microscopio
Tudo vos mostrara, que for bem invisivel.

A sciencia é a natureza unica, indivisivel.

Quando a Verdade pura invadir todo o mundo,
Expulsando p'ra sempre o chagal tão immundo,
Que vive de miseria e vive de rapina,
Que se acoita na treva e na negra batina,
Então, ó humanidade altiva e vencedora,
Verás surgir o só da promissora aurora.
Não desesperes, não, que a sciencia jamais falta.

Mede o seio do mar e a montanha mais alta,
Transmitte o som veloz por todo o ethereo espaço,
E inventou o canhão e as armaduras de aço.

E o immenso Vaticano, a mole criminosa,
Vendo raiar a aurora alegre e luminosa,
Por terra ruirá, no sepulchro do mal,
Soltando imprecações, uivando qual chagal.
Comsigo levará a brupta companhia,
Tão tragica e fatal, feita de covardia...

Depois que a Instrucção fôr livre, soberana,
Dos mi! dogmas christãos, dessa immunda chicana,
Que a Razão e o Direito, ambos livres e ovantes,
A senda luminosa abrirem triumphantes,
Então, sim, tu dirás:—«Cantemos a victoria
Que muito nos custou, e a nossa lucha a historia
Aos posterios dirá:—A sciencia e a Instrucção,
Caminhando de par, ao lado da Razão,
Levantaram o templo immenso da Verdade,
Que é o credo da Fé, da culta humanidade!»

Assim disse a visão o pallido Jesus.

Vinha surgindo o dia
Alegre, virginal, feito de arminho e luz.
E um canto a cotovia,
Um canto luminoso, electrico, de amor,
Risonha ia soltando.
E toda a creação, do languido torpor,
Serena, despertando,
Contemplava silente o martyr do Calvario,
O grande pensador.
E o mundo sensual, o mundo sanguinario,
Feito de treva e crime e de lucto e miseria,
Soltava uma risada estúpida, boçal
Ao despontar a luz na região etherea,
Immensa, sepulchral!...

DOMINGOS G. RAMACCIOTTI.

O successo do subdelegado de Sant' Anna vale tudo!

Consta que já pediu privilegio ao
Chefe de Policia, para seu invento de
uma legião de gafanhotos que, em cada
salto, matam com as patas multipliques
outros muitos.

* *

Não se perca tão auspiciosa oppo-
turnidade!
Eis o desejo do

ELEITOR INDEPENDETE

=====

Será?....

Consta que certo candidato bifronte,
por Santa Ephigenia e Sant' Anna,
para dar mostras da sua magnanimida-
de, generosidade e desprendimento,
por causa das duvidas, tentou apanhar
os 150\$000, mensaes, fora o alho, em
ambas as circumscrições.

Que inconveniente haverá nisso?
Por ventura isto é prohibido nas
Instrucções Eleitoraes de Lacerda e Ca?
Que o fosse!

Quem sabe defender os interesses
proprios é quem melhor póde defender
os interesses publicos.

E' isto que ensina a pratica, e a
pratica vale tudo neste mundo!

A licção é bôa.
«O mestre ensina os discipulos», já
o dizia o velho Coruja

WAITE

=====

Sogno d' uma notte d' Estate

At miss M***

*Per un sentier men fui
in notte oscura,
sicché mi ritrovai
ove men col pensier pensai...
Giacem in profondo silenzio
dell' universo inter le cose;
e, come l' universo,
parea 'l bosco co tronchi giganti
in profondo sonno immerso.*

II

*In un sentier altissimo mi sedei
a veder i misteri
di Madre Natura.
Non era molto
che in quel poggio mi stavo,
quando vidi a me innante
la figura veneranda
d' un canuto vecchio e altivo:
grande la fronte,
capelli, come se d' avorio fosser
occhi scintillanti;
nel semblante sempre un riso,
nel tutto melancolico, fuggente.*

E disse così:

*« Giovín mortal,
a che ten stai sopra questo poggio?
Tua voce commossa
rispondermi non osa,
ma quel che dir vorresti e non puoi,
già il compresi:
stanco già sei
del corso inumano,
che l' umana gente segue:
qui, l' opulento vive
nel fasto fulgido,
di perle e d' or ornato,
in mezzo a feste che disonoran!...
La il provero*

che si contorce il corpo
molesto, sopra il misero letto
—un pugno di fetide paglie—
in umido suol,
dov' il divora
la peste e il mal germe!..
Oh! crimen grande
Di questo imbroglio
Che umanità si noma!
E, perchè di spavento
Non ti servan queste parole,
Sappi, che il cantor d' "Orlando" io son.
Quel che fu
Dell' oppresso difensor.»

III

E, come anima fuggente,
da me disparve
seuza un passo nemmen far!
E con voce che al sol pensarvi
mi rizzan i capelli - disse,
Quando era sparito:

« Mortal, mortal,
Sul poggio,
che fai, che fai?... »

IV

Il passo mover volli al ritorno,
ma una forza occulta
non mi faceva andar!

V

Completi d' apatia
passar momenti,
com' uom che in libazioni
consuma la vita
della chiesa di Baccho nel gremio!..

Ridir non só
quel che passai
in momenti tai...

VI

Quando m' ebbi rinvenuto,
in un giardin fiorito mi trovai
di bellezze tal,
che i miei labbri domandar:

Dove son?
Forse
dell' Olimpo nell' alto seggio?

* *

Bellin un fior, come il bello Adonis
cosi mi rispon:

« Nel gremio di Flora,
o giovin, sei.
Gran tempo errando andasti
pel folto bosco,
quando a pieta mossa
del tuo errar invano,
di Flora una figlia,
tè per una man,
qual fanciullo, qui traeva
nel gran regno di Flora,
che con Zefiro
divide il destin.

E se più brami, o giovin,
sappi che ella è Margherita,
la figlia più gentil
de Flora amata.

Nelle petale sue bianche,
dell' innocenza, come il lirio,
si discerne il simbolo,
di grazia e martirio.

* *

Ed or, giovin, verrà Aurora
che, aprendo il cammin
va ad Apollo,
e nei capelli involto,
in un nuovo mondo,
di luce fecondo,
di saper e di giustizia

ti porterà.
E allor non più vedrai
il sacro vate a dirti:
Mortal, mortal,
che fai, che fai?...

Guerrini Arlindo.

Paulicêa 24.906



Carta aberta

Caros ex-collegas

Pudera achar-me junto a vós e,
á tarde, ancioso entrar na Paulicêa, repleta de leviana juventude, e procurar o meu Ideal. Não posso, infelizmente! Minha sorte é triste e os deuses para commigo não foram tão benignos.

Só acho lenitivo á minha magua, se ao cahir da noite, já quando a sol desmaia, alongo os olhos para essa amplidão infinda, para além, para o horisonte e repasso pela memoria os dias felizes e descuidosos da minha juventude.

Então vejo-me entre juvenil e bellicosa turba que ora me leva pelas ribas verdejantes d'um corrente rio, ora á margem pantanosa de placido lago, ora á umbroso e virgem bosque, ora a vergel semeado de boninas.

Mas... se d'este dourado e chimerico sonho, passo ao mundo da realidade e me encontro só, eu sinto que a saudade minh'alma dilacera e as torturas que vão dentro em meu peito, me fazem verter saudosas lagrimas.

Oh! juventude, voltáras tu ao seio do já pendente para o tumulo e enxugarias amargas lagrimas!

Perdoae, perdoae, amigos, meus devaneios que são a expressão sentida d'uma dor que está minh'alma retalhando:—Saudade da juventude, saudade d'amigos ausentes!

Sim, tenho saudade dos mais risonhos dias da minha existencia e saudade dos companheiros desses dias!

Todavia ainda encontro um balsamo salutar á dor que me punge, lendo de quando em quando os pensamentos que alimentaes em vossas almas, conhecendo os vossos desejos, as vossas inclinações.

Bravo, amigos, bravo feliz ideia a vossa!!!

Lançastes-vos á arena com punho forte, quaes gladiadores da velha Roma; ahi expressastes quanto vos ia na alma, ahi deixastes patente quanto vos ia dia no coração!

Dae, dae um cantinho, seja elle muito embora o mais humilde, a estas singelas linhas para que ellas

apregoem ao mundo: — Ha ainda gratidão e amor no coração do homem e os companheiros da juventude não podem ser olvidados!

A. DA SILVA FIGUEIRA.

Funchal, 5 de Janeiro 1906.



O luto nacional



Brasileiros, a perda choremos
De mil fortes roubados ao lar;
Nosso pranto de irmãos, pelo menos,
Seja allivio aos sepultos no mar!

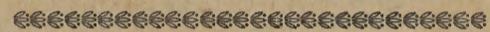
Brasileiros, a dor consolemos
Da filha e da esposa a chorar;
E' um direito, um dever, que nós temos,
Aos que soffrem, na vida auxiliar!

Hoje a Patria enluctada só chora
Tantos bravos truncados á vida.
—Esperanças partidas na aurora!

Salve, Patria, de lucto cingida.
Salve, Bravos, que morte ingloriosa
Carregou-vos da popa alterosa!

17. 2. 1906

GIL DOMINGOS



A tarde

O sol já vai tombando preguiçosamente por detraz das montanhas azuladas que uma após outra perdem-se de vista.

O firmamento tingem-se de purpura recebendo os ultimos reflexos de luz. A athmosphera immobilisa-se imprimindo, como que um extase a todos os objectos, querendo segredar-lhe alguma cousa.

D'entre as mattas ouvem-se as ultimas volatas da criação alada que se despede do dia.

A brisa fresca e perfumada, passa suavemente, acariciando as franças do arvoredado, dando-lhe o ultimo beijo, contando-lhe os ultimos rumores do dia que fenece.

E' a hora do crepusculo!

A natureza repleta de magestade e melancholia acompanha o occaso do sol, que numa explosão de luz e cores mergulha-se no horisonte, num aceno de despedida.

Então, nessas horas de pompas e tristezas, assalta-nos a duvida e o mysterio e deixamo-nos enlevar por uma contemplação indefinivel.

E', nessa hora solemne do dia, que uma tristeza suave passa pela nossa alma, acompanhando os nossos mysticos pensamentos de amôr e saudade.

J. MULLER JUNIOR.



Interesses Locaes.

Continua a infelicitar o bairro, e a impacientar os seus moradores, a malfadada empreza de bonds, injustamente protegida pela Prefeitura.

O seu serviço é simplismente ultramiseravell

Os carros correm de 40 em 40 minutos quando por acaso observam ou acertam com o horario.

Ha muitissimas vezes que passam-se horas sem haver bond, como tem acontecido.

Os mesmos, difficilmente *arrastados* pelos pobres animaes, que mais parecem gafanhotos a puxar uma caixa de phosphoros movem-se com um vagar espantoso.

Quando, ao contrario, os animaes tomados de um acesso de energia excepcional, num esforço supremo, põe-se a galopar lá vai o vehiculo sobre o passeio ou contra os archaicos lampeões!

Outras vezes, os animaes enveredam para a varzea e eis o celebre calhambeque prestes a despenhar-se barranco abaixo, em pé de fazer muitas victimas.

Tal já se deu, e valeram aos passageiros a dextreza com que saltaram pondo-se a salvo.

Os mesmos vehiculos são ordinarios immundos, sem abrigo ao sol e a chuva e sobre tudo descarrillam a todo momento.

Os animaes (pobres, victimas) andam cadavericos, a oscillar como varas verdes, e numa resignação profunda, movem os passos sob uma tempestade de *Chicotadas* que recebem.

Muitos, escalavrados pelos maus tractos, morrem á mingua no exiguo terreiro da cocheira aos olhos dos transeuntes.

Os empregados, pobres homens, mostram claramente que são outras tantas victimas da *empresa*.

Não recebem ordenados para proverem o lar, onde talvez a necessidade ande a passos largos.

As estrebarias da companhia estão situadas parede-meia com a casa do fiscal da empreza.

O leitor, estupefacto, não acreditará que haja tantas victimas a lamentar.

Ainda ha mais. São os negociantes e os fornecedores de capim etc.

Tudo quanto dissemos é a pura verdade mas, ainda não é tudo.

Parecerá ao leitor que estamos numa terra atrazada.

Engana-se. Estamos num bairro que pertence a perimetro urbano da cidade, na Capital artistica do Brazil, onde ha todas as especies de transportes, os mais commodos.

Julgará ainda que não temos direito de reclamar contra taes miserias, e que devemo-nos calar.

Tal não é. Pagamos elevados impostos, como os mais bairros bem servidos da Capital.

A quem pois, devemos attribuir o nosso atrazo, o nosso infurtunio?

Aos poderes competentes, a Prefeitura. Pois bem, ainda mais uma vez, pedimos a mesma, que se digne sanar taes males, em nome da justiça, em nome de uma população prejudicada.

Seromo

Noticiario

Eleição - Realisou-se no dia 1.º deste mez a eleição de representante politico de districto.

Eram candidatos o sr. João Mathias Coelho e dr. Arthur Guimarães.

A mesma foi muito renhida, chegando a haver enormes irregularidades, pelo que deve ella ser archivada nos *annas da historia*.

Apesar disso, e da oppressão tenaz que a auctoridade policial local exerceu sobre os eleitores, foi brilhantemente sustentada a candidatura do primeiro que teve a menos 9 votos.

Esperamos, como amantes da liberdade eleitoral, que taes irregularidades não mais se repitam e que os cidadãos possam livremente usar de seu voto.

C. R. Familiar de Sant'anna—Este club deu no sabbado p. p. na residencia do sr. João M. Coelho, um baile que foi muito concorrido.

Compareceram muitas familias dos socios e convidados.

As danças que estiveram muitissimo animadas prolongaram-se até a madrugada.

— Sabe-se definitamente que a nova cadêa da capital será construida em Sant'Anna entre a linha da Cantareira e o Chora-menino.

Este melhoramento dará mais desenvolvimento ao nosso bairro, que talvez, mais do que até aqui tem sido, possa ser olhado com interesse pelos poderes publicos.

De viagem — Partiu no dia 14 p. p. para Espirito S. do Pinhal, o sr. Domingos G. Ramacciotti que vae como adjunto do grupo escolar dessa cidade.

Lamentamos a ausencia do bom amigo e incansavel companheiro de trabalhos que sempre intelligente e bondoso nos encorajou nas nossas lides.

Desejamos-lhe toda sorte de venturas nessa terra longinqua onde foi exercer a nobre profissão de educador da infancia.

Secção charadistica

(Premio: assignatura do "Voluntario", a quem enviar todas as soluções exactas.)

1ª. Nas margens do oceano vive satisfeito um poeta brasileiro - 2-3

2ª. Si não falei a verdade, minha flor, em ti não creio 2-2

3ª. A flor e a mulher são a mulher 2-2

4ª. Aqui a parenta é util - 1-2

5ª. Esta mulher corre nas mãos da beata. 2-2.

6ª. Fura a linha este instrumento. 2-2

7ª. Aperta no nariz este numero 1-2

8ª. Fere, corre e guarda. 2-2

9ª. No ponto o leito é mulher. 1-2

10ª. Jamais definha a flor 2-2

11ª. Attenta a tristeza na bronzea quilha. 2-1.

12ª. Na nota tenho fé, que é um divertimento 1-2

13ª. Na medida cabia a mulher com muito peso. 2-2

14ª. Sempre pandega acolá foi a prisão. 2-1.

15ª. A carruagem cheia de odio vinha de seu lar. 2-1

16ª. A preposição e o destino são a mulher. 1-2

As soluções são recebidas, nesta redacção, até o dia 30 de Março.

MACHADO

Expediente

A correspondencia deve ser dirigida a Rua Voluntarios da Patria n. 82.

Notas da redacção.—Deixou a redacção do Voluntario por motivo imperioso o nosso companheiro de lutas e bom amigo Domingos G. Ramacciotti, noticia que com pesar damos aos nossos amigos.

— Pedimos desculpas aos nossos leitores e assignantes pelo atrazo do 5.º numero.

Muitos obstaculos nos obrigaram a atrazar os nossos servicos.

Aos nossos assignantes que não receberam nosso orgãosinho pedimos o obsequio de reclamarem em tempo de serem attendidos.

— Aceita-se collaboração desde que os escriptos estejam em condições de serem publicados.

— A poesia do nosso collaborador Gil Domingos publicada no nosso ultimo numero sahio com dialogos trocados.

Na primeira oportunidade republical-a-emos.

(2)

Pedro Barqueiro

(TYPO DO SERTÃO)

Affonso Arinos

Ninguem bulia com elle, mas elle não mexia com os outros. Vivia quieto em seu canto. Um dia pegaram a dizer que elle era negro fugido, escravo de um homem lá das bandas do Carinhanha. Chegou aos ouvidos do patrão esse boato. Para que chegou meu Deus! O patrão não gostava de ver negro, nem mulato de proa. Queria que lhe tirassem o chapéu e lhe tomassem a benção.

«Dahi, ainda contavam muita valentia do Barqueiro, nome que lhe puzeram por ter vindo dos lados do rio S. Francisco. Essas historias esquentavam mais

o patrão, que eu estava vendo de uma hora para outra extripado no meio da rua, porque era homem de chegar quando lhe fizessem alguma.

«Tanto eu como o Paschoal tinhamos medo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade.

«Subiu de ponto esse nosso receio e ira do patrão quando se soube de uma passagem do Pedro, num batuque, em casa de Maria Nova, na rua da Abbadia.

«Chegára uma precatoria da Pedra dos Angicos e o juiz mandou prender a Pedro. Deram cerco á casa onde elle estava na noite do batuque. Ah! meu patrãozinho! o crioulo mostrou ahi que canella de onça não é assobio. Não é dizer que estivesse muito armado nem por isso; só tinha o tal ferro allumiando sempre; e com esse ferro deu pancas.

«Quando cercaram a casinha e lhe

deram voz de prisão, o negro fechou a cara e ficou feito um jacaré de papo amarello. Deu frente á porta da rua e encostou-se a uma parede, Maria Nova estava perto e me disse que elle cochichou uma oração, apertando nos dedos um *benzinho*.

«Chegaram a entrar a casa tres homens da escolta, e todos tres ficaram estendidos, Pedro tinha oração, e muito boa oração contra arma de fogo, porque José Pequeno, caboclinho atarracado, ao entrar, fez fogo. Pedro Barqueiro caminhou sobre elle na fumaça da polvora e quando clariou a sala José Pequeno estava no chão.

«Dois rapazinhos quizeram chegar ainda assim, mas Pedro Barqueiro descaideirou um e poz as tripas de fóra a outro, que escaparam é verdade, mas ficaram lá no chão gemendo por muito tempo.

(Continúa)